

ARTES PLÁSTICAS

DA CIDADE INDUSTRIAL A BICHINHO

MARIANA PIMENTA

Alberto José Lobo Ferreira de Lima, mais conhecido como Berzé, nasceu em Jeceaba, Minas Gerais, pequena cidade próxima a Congonhas do Campo, em 27 de agosto de 1950. Sua mãe era professora, e seu pai, dono de uma venda, dessas onde se vendia de tudo: bolo, cachaça, arroz, feijão e muita conversa. "O pessoal chegava lá para beber uma pinguinha voltando da roça e eu tinha o privilégio de escutar suas histórias, que é uma coisa santa do interior", lembra Berzé. A infância, ele passou observando gente e bichos, subindo em árvore e jogando futebol. "Só não nadava em rio porque eu tinha uma família muito severa. Minha avó era muito religiosa e tinha um certo controle sobre a gente". Berzé é o segundo filho de uma família de 11 irmãos, sendo o primeiro homem.



Berzé começou sua carreira como ilustrador do movimento sindical na Cidade Industrial e hoje suas obras encantam os turistas em Bichinho

Próximo de completar 11 anos, o menino foi para o seminário, em Congonhas do Campo, com a intenção de estudar, onde ficou até os 15 anos. "Tive uns problemas de maus pensamentos e cheguei à conclusão de que eu não podia ser padre não". Berzé conta que, antigamente, se você morava no interior e não tinha dinheiro para estudar, você ia para o seminário. "Os padres faziam uma captação de meninos e era um jeito legal porque lá tinha muito livro, futebol e muita missa".

Quando Berzé voltou para Jeceaba, a família passava por problemas financeiros, que culminaram na falência de seu pai. "Mudamos para BH, a família inteira. Um bando de pessoas indo para a capital, no meio da madrugada, correndo". Em Belo Horizonte, moraram em uma casa alugada no bairro Ipanema, e depois foram para o Alto da Barroca. Já na capital, o pai de Berzé teve um derrame e, após quatro anos doente, faleceu. "Eu costumo dizer que ele morreu de tristeza". Berzé ficou sendo arrimo da família. Foi empregado como auxiliar de escritório na Belgo Mineira onde trabalhou por dez anos. Recebeu aumentos e merecimentos por ser um bom empregado. "Mas eu resolvi ficar meio comunista e participei mais efetivamente do movimento sindical. Fui mandado embora da Belgo por volta de 1972".

Desenhos e discursos

Ainda na Belgo, nas horas vagas, ele rascunhava em sobras de papel, fazendo pequenos desenhos. Em 1969, fez uma prova para um curso de desenho no Senac, que ficava na rua Tupinambás. "O meu nome constou na lista dos que tinham passado. Depois, por um motivo qualquer, tiraram o meu nome e isso me deixou muito invocado e triste. Decidi que eu ia estudar por conta própria e comecei a comprar livros".

ARTES PLÁSTICAS

DA CIDADE INDUSTRIAL A BICHINHO

MARIANA PIMENTA

Um dia, experimentou enviar um cartoon para o Pasquim, que foi publicado. “Eu achei bonito ser publicado”, conta Berzé, que mostrou o jornal para os colegas de trabalho da Belgo. Um deles, Raul, deu-lhe o toque para não assinar Alberto e sim Berzé, um bom apelido para quem se chama Alberto José. Raul também foi o responsável por jogar as primeiras idéias socialistas na cabeça do colega e lhe mostrar que o mundo, em plena Guerra Fria, não estava muito certo.

Assim, Berzé começou a participar da política e a fazer desenhos para o movimento popular. Como militante do Movimento pela Emancipação Popular (MEP), Berzé fez discursos para mais de sete mil empregados da Belgo. “Eu lá em cima do palanque, todo descabelado, gritava: ‘Viva a greve’, e o povo respondia: ‘Viva’. Hoje eu não me emociono com isso não”, diz ele e explica: “Eu acho que a massa não muda nada não. As vezes, você consegue mais ao conversar com a pessoa do seu lado no ônibus”.

Uma das bandeiras do MEP era “Por um governo dos trabalhadores” e, antes mesmo do surgimento do Partido dos Trabalhadores, o movimento já discutia a criação de um partido que representasse a classe. Quando o PT chegou em Minas, Berzé participou das reuniões iniciais e foi um militante do partido. “Hoje, não sei mais se isso foi uma parte importante da minha história”.

A organização do MEP exigiu que Berzé trabalhasse em fábricas, pois, se ele fazia parte do movimento e desenhava histórias para os operários, deveria conhecer a realidade da classe. “Acho até meio jocoso isso. Eu já tinha passado dez anos na Belgo e era desenhista há alguns anos”, diz Berzé, que aceitou a ordem e foi macheiro e ponteador em indústrias na Cidade Industrial. Mesmo assim, não deixou de desenhar. Sempre que chegava em casa, tinha alguém do PT ou de algum movimento com uma demanda de um boletim ou um cartaz. Berzé fazia em estêncil, pois, apesar de ser uma técnica rudimentar, era o jeito que eles tinham de rodar o material. “Meu trabalho, nessa época, era bem marginal. Nunca fui uma pessoa que pintava quadros em protesto”.

Quando ficou desempregado, Berzé dedicou-se mais aos desenhos. “O pessoal não arrumava mais emprego para algumas pessoas que eles sabiam que tinham participação na política. Eu fui obrigado a virar de-



ARTES PLÁSTICAS

DA CIDADE INDUSTRIAL A BICHINHO

MARIANA PIMENTA

senhista mesmo". Ele fazia cartazes clandestinos, boletins e ilustrações. Publicou, durante oito meses, uma tirinha no jornal "Estado de Minas", e essa foi a única vez que viu o seu trabalho na grande imprensa. Seus personagens eram bichos e mulheres, o que o diferenciava dos outros cartunistas da época, que só faziam papéis para homens. Em seus cartoons, Berzé usava de non sense e dava espaço para mulheres anônimas.

Ele também fez desenhos e criou histórias em quadrinhos para todo o tipo de sindicato, tanto em Minas como em outros estados, e para a Comissão Pastoral da Terra, entidade ligada ao MST. "Ao invés de simplesmente fazer uma história institucional, eu fazia uma história que tivesse um pouco de aventura, de humor, que falasse naturalmente de mudanças, de diferenças na sociedade".

Berzé, até o ano 2000, trabalhou como ilustrador e desenhista de história em quadrinhos e cartoons para entidades de esquerda do país. Ele desenhou cartazes para o movimento "Diretas Já", estes bem artesanais, feitos em mimeógrafos; fez cartazes contra o governo Collor, que mostravam o então presidente nu, várias pessoas o seguindo e um menino negro apontando e dizendo: "o rei está nu"; e cartazes contra o neoliberalismo e as privatizações ocorridas no governo FHC. Nesses últimos trabalhos, Berzé já usava o computador para desenhar.



A volta para o interior

Foram 30 anos desenhando para o movimento operário e Berzé já estava cansado. A gota d'água foi quando lhe pediram um cartaz de um evento contra a política neoliberal do governo Fernando Henrique e, no dia em que ele foi entregar a arte, o responsável pelo evento disse que este havia sido cancelado e que talvez nem acontecesse. Berzé perguntou-lhe desde quando haviam cancelado o evento e o rapaz respondeu que havia mais de uma semana. Berzé disse-lhe, então, que tinha feito o cartaz nessa última semana e que não custava nada ter telefonado e cancelado o serviço. O desenhista achou muita falta de compromisso e de respeito com o seu trabalho.

Cansado, fez uma viagem a Bichinho com a esposa e, passeando por lá, comentou que moraria ali, e ela disse: "eu também". E assim decidiram se mudar para a pequena comunidade de Bichinho, que fica próxima a Tiradentes, em Minas Gerais, e é mundialmente conhecida por seu artesanato e artistas.

Berzé e sua esposa montaram um show-room de móveis fabricados pelos

ARTES PLÁSTICAS

DA CIDADE INDUSTRIAL A BICHINHO

MARIANA PIMENTA

cunhados do artista que, no mesmo local, montou um ateliê. "Essa vida de interior faz parte de mim. Cresci em Jeceaba e sou muito jeca por dentro. Já estava na hora de voltar para o interior", justifica-se Berzé, que tem uma rotina muito tranqüila. Ele acorda cedo e faz uma boa caminhada pela comunidade, acompanhado da esposa ou do irmão. Nesse trajeto ouve canto de siriema e encontra muito passarinho e muita neblina, dependendo da época do ano. Volta para casa, toma um banho e vai para a loja. "O movimento de visitantes começa por volta de 10h30. Antes disso, já estou a caminho, pensando em algum desenho ou planejando alguns quadros. Conheço gente do mundo inteiro aqui". Seu ateliê é aberto a visitação e, no interior da loja, há muitos livros, o que atrai os visitantes e é um gancho para os assuntos mais variados com o anfitrião, que aproveita para vender suas obras.

O trabalho de Berzé hoje são pinturas, guache, algumas aquarelas e muita brincadeira. "Eu faço um fundo preto, espero secar e cubro de branco. Depois eu desenho em cima daquilo, fica o preto por baixo, dá um efeito gráfico muito legal". Seus painéis são baseados em cidades imaginárias. "  como se eu fizesse uma ilustração para um dia contar uma história".

História em quadros

A inspiração para Berzé está em contar histórias, o que tem, para ele, uma justificativa: "Acho que é porque eu gosto muito de quadrinhos. Sabia que Picasso dizia que a grande mágoa de sua vida foi nunca ter feito quadrinhos?". Todas as obras de Berzé têm uma mensagem. "Eu não sei fazer nada que seja abstrato, sou figurativo. Não sei exatamente porque sinto essa necessidade de passar uma mensagem. Eu fui me fazendo assim, fui construído assim e esse é o meu caminho", afirma.

O tema de sua obra continua ligado à política e   história, porém, o fato de viver em uma cidade muito antiga, remeteu seu trabalho ao início da nossa colonização. Os negros, os índios e os animais são figuras presentes em seu imaginário, atualmente. "Eu quero fazer obras sobre o Brasil col nia porque o que está em nosso inconsciente coletivo é sempre o negro trabalhando. Mas o negro, além de trabalhar, pintava. Temos grandes exemplos aqui em Minas, como Ataíde, Aleijadinho e Manuel Vitor de Jesus, que pintou a igreja de Bichinho. Na música também temos a presença do negro". Um projeto que Berzé ainda pretende desenvolver é o de escrever e desenhar uma história em quadrinhos que se passe em Minas Gerais, durante o ciclo do ouro, abordando personagens como capitão-do-mato e cenários como os quilombos.

Ao contrário de seu passado, quando acreditava que a política era um caminho para mudar o mundo e que o povo brasileiro era terrível, hoje, Berzé crê que a arte é a solução para um futuro melhor e que nós, bra-

ARTES PLÁSTICAS

DA CIDADE INDUSTRIAL A BICHINHO

MARIANA PIMENTA

sileiros, somos realmente muito bons. "Só acho que as escolas deveriam ter mais disciplina ao ensinar arte. Senão vira recreação e o menino não chega na liberdade, porque a liberdade vem depois da disciplina. Tenho certeza que as crianças iam gostar muito mais e iam aprender que, através da arte, podemos virar o mundo de cabeça para baixo e não devemos seguir tudo o que seu mestre falou. Isso realmente muda o mundo e é cidadania pura", diz o artista, que também acha que precisamos melhorar o acesso às artes: "nós brasileiros somos mais emoção e movimento, mais Mané Garrincha do que Pelé, ou seja, mais arte".

Berzé está lendo o Tao Te Ching, livro milenar de ensinamento chinês, e chegou à conclusão de que o passado é uma mala muito pesada. "Eu quero viver assim, igual a um menino, que acorda, vê o mundo e diz: 'oh que bonito, que legal!'"

Para adquirir as obras de Berzé, vá até Bichinho e pergunte pelo artista ou pela loja Canto do Bichinho. Ele também manda fotos de seus trabalhos mais recentes por e-mail para as pessoas interessadas. Seus contatos são: berzecanto@mgconecta.com.br e o telefone (32) 3353-7002.